

RITA RIBEIRO, VÍTOR DE SOUSA & SHEILA KHAN

rmgr@ics.uminho.pt; vitorde Sousa@gmail.com; sheilakhan31@gmail.com

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE, UNIVERSIDADE DO MINHO |
CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE, UNIVERSIDADE DO MINHO |
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS SOCIAIS, UNIVERSIDADE DO MINHO

NOTA INTRODUTÓRIA

A conferência “A Europa no Mundo e o Mundo na Europa: Crise e Identidade”, ocorrida em junho de 2015, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, pretendeu constituir um momento de reflexão acerca das antinomias que atravessam a Europa contemporânea nos seus múltiplos quadros de relação com o mundo. Tratava-se de discutir, num contexto de *krisis*, os caminhos que se oferecem à Europa, convocando o que de mais digno nos legou a cultura europeia: o pensamento crítico. Porque a Europa se fez no mundo, foi esta conferência ocasião para debater de que forma se posiciona a Europa perante as transformações sociais contemporâneas, tendo como pano de fundo as relações políticas e culturais tecidas pela história.

A teorização sobre a Europa tem revelado termos entre mãos um objeto poliédrico. A complexidade do tema apela, pois, a um debate escorado num pensamento transdisciplinar que convida para a mesa de trabalhos áreas diversas das ciências sociais e humanas. Em tempo de crispação social, económica e política na Europa, impõe-se a necessidade de pensar criticamente sobre as transformações que vêm sublinhar as contradições e fissuras do espaço europeu e que nos interpelam, enquanto europeus do Sul, a compreender o lugar da Europa no mundo contemporâneo. Para tal, importa revisitar o lastro de história e memória de que se fazem as relações entre as nações europeias, mas também os espaços extraeuropeus, particularmente no quadro das dominações coloniais. Do mesmo modo, é dada especial atenção à forma como as ligações da Europa ao mundo são trabalhadas no campo da produção cultural e artística. Num quadro de grandes mudanças, que nos confrontam com os limites da condição humana e da sua relação com a natureza, e face à tibieza das respostas políticas, este encontro procurou discutir as reconfigurações que se operam na relação da Europa com o mundo e do mundo com a Europa.

Neste livro publicam-se reflexões que estiveram em debate na conferência e que, pela sua diversidade, patenteiam quão amplo é o pensamento que se tece sobre a condição da Europa no mundo e porque são fundamentais quadros analíticos pluridisciplinares. Uma das temáticas mais aprofundadas nos estudos sobre a Europa tem sido a da sua identidade, categoria conceptual reconhecidamente escorregadia e melindrosa, que nos força à discussão mas de onde raramente retiramos certezas. Sem partirmos das propriedades paradoxais da própria noção de identidade incorreremos em formulações simplistas da ideia de identidade europeia. É precisamente o que revelam os autores dos capítulos que compõem a primeira parte desta obra. O texto de Henrique Ramalho, intitulado “O mito da Europa social. Antinomias políticas entre o plano social e a arquitetura económica e financeira da agenda europeia”, aborda as antinomias da Europa, entre os valores da cidadania social e as exigências da economia de mercado, entre a democracia e o modelo de governação das instituições da União Europeia, pondo em contraste a matriz axiológica do bem-estar e o ímpeto produtivista que, mais recentemente, tem marcado a política comunitária. Rita Himmel, no texto “Transcender a cultura: poderá a Europa ser um modelo de convivência através da diferença?”, centra-se no antagonismo entre a transculturalidade e o fechamento cultural de matiz nacionalista que tem vindo a crescer no espaço europeu. E porque as fronteiras se tornaram ténues no continente europeu, aqui se apresentam também reflexões sobre as mobilidades e como desenham uma consciência e um sentido de pertença de escala europeia, que de facto interage continuamente com outras esferas de identificação e reconhecimento. No texto “A mobilidade intercontinental de cientistas europeus: discursos sobre perdas e ganhos d(n)a Europa”, Emília Araújo trabalha a mobilidade de cientistas entre a Europa e os Estados Unidos da América não apenas como fenómeno de circulação, ganhos e perdas de conhecimento, mas enquanto luta simbólica na geopolítica da investigação científica. O texto de Vania Baldi – “Entre dissonâncias políticas e consumos culturais: os cenários da juventude europeia emergente” – analisa os processos de construção da consciência europeia, equacionando-os com o *cosmopolitismo europeu pop* das práticas de consumo cultural entre os mais jovens. Na mesma linha, o texto “Portugal europeu: a perceção dos estudantes de Erasmus”, de Daniel Noversa, aborda também o sentido de pertença à Europa entre os jovens, trabalhando a questão a partir da opinião dos universitários portugueses que integraram o programa de intercâmbio académico Erasmus. A fechar a primeira parte, Sônia Cerqueira escreve sobre “Mobilidade académica internacional de

brasileiros: perfil, motivações e avaliação do intercâmbio na Universidade do Minho”, dando conta das motivações e dos processos de integração académica, social e cultural de estudantes brasileiros em Portugal, num quadro de crescente valorização dos percursos académicos internacionais.

Na conferência que dá origem a esta publicação, entendeu-se central o lugar das artes como chão para refletir a realidade dinâmica de experiências, trocas e desafios que a diversidade humana e histórica foi incorporando na construção da sua maturidade estética e ética. Pensar a arte como separada de um mundo que incessantemente se interroga é desfazer a humanidade de um sentido existencial e crítico. Nesse sentido, o mundo na arte e a arte no mundo assumem diferentes vozes e narrativas. Celso Martins sela este pacto entre o histórico e o ético da arte africana no seu artigo “Mundos confluentes? Representações da arte africana contemporânea no ocidente”, ao incorporar no seu texto o papel da arte como ferramenta para criticamente pensar o modo como os mundos que se tocam exigem e criam entre si representações hierárquicas e, muitas vezes, em constante postura analítica e comparativa. Inês Carvalho Matos sublinha o antagonismo e o poder simbólico na sua leitura de acolher e de aproximar mundos nos seus “objetos artísticos” ao analisar, citando o título do seu artigo, “a integração da epopeia marítima portuguesa na identidade europeia: uma reflexão transdisciplinar”. Flávia Rocha, em torno das produções cinematográficas, caracteriza pontes remanescentes de confiança e de cumplicidade entre nações, ao convocar no tema do seu trabalho a “Relação entre Portugal e Brasil na coprodução cinematográfica. Políticas, experiências e desafios”. Pelo acompanhamento atento da obra do escritor Helder Macedo, Ana Margarida Fonseca, no texto “Um centro sem fronteiras: com Helder Macedo, pelo mundo”, lança a sua âncora no trabalho do autor, demonstrando como a arte escrita celebra e estima a diversidade não como perigo, mas como ensinamento de estar em vários mundos.

As representações da Europa são igualmente debatidas através do modo como nos média se elaboram narrativas que põem em cena as configurações identitárias nos espaços nacional e europeu. O texto “Portugal no Coração – música e performance no Festival RTP da Canção enquanto veículos de narrativas identitárias”, de Sofia Vieira Lopes, pretende analisar de que forma a música e a performance no Festival RTP da Canção veiculam discursos identitários nomeadamente no que respeita à saudade. Marta Lima, autora do artigo “Média e identidade(s): as notícias sobre a Europa e o mundo nos meios de comunicação social portugueses”, procura analisar a primazia que o critério da proximidade assume no processo de

seleção noticiosa e o grau de importância que é atribuído, pelos órgãos de comunicação social portugueses, às notícias sobre os contextos europeu e internacional. Rui Vieira Cruz abre audaciosamente esta compilação de trabalhos para a relevância das artes digitais e do *nano-gaming*, ao revelar o seu impacto como “paradigma civilizacional” também útil e relevante para entender a complexidade inerente às múltiplas realidades humanas. No lume das novas ferramentas da comunicação humana, Rui Vieira Cruz e Carla Cerqueira, no texto “*SlutWalk goes glocal: estratégias de difusão online no caso português*”, mostram como as redes sociais, sentidas e usadas como um dever de cidadania digital, erguem espaços de equidade e reflexão contra atos imorais, desumanos e condenáveis.

A finalizar, debatem-se os quadros políticos e institucionais que corporizam as interseções produzidas nas diversas escalas de ação em que a Europa se envolve. Nesta parte, que tem por título “A Europa entre o local e o global”, é problematizado o lugar da Europa no mundo no quadro das relações internacionais e da relação com os cidadãos. O artigo de José Palmeira, “Europa ‘regressa’ ao Atlântico”, assinala que o Atlântico é, de novo, o centro das atenções, depois de ter sido ultrapassado pelo Pacífico em termos de relevância político-económica, face à emergência da China como ator global. Nesse quadro, questiona as potencialidades e vulnerabilidades de Portugal neste novo cenário geopolítico e estratégico que tem a Europa no seu epicentro. André Santos e Márcia Pinto escrevem sobre “A União Europeia e o Ártico: desafios para a segurança marítima”, pretendendo compreender de que forma é que as alterações ocorridas, como é o degelo do Ártico, têm levantado problemas para a governação internacional. Já Xabier Martínez-Rolán, Teresa Piñeiro-Otero e David Caldevilla-Domínguez, são os autores de um artigo intitulado “La presencia de los ayuntamientos de la Erorregión Galicia-Norte de Portugal en las plataformas sociales”, cujo objetivo é o de analisar a presença dos principais municípios da Erorregião da Galiza e do Norte de Portugal nas plataformas sociais e outros serviços digitais 2.0.

Citação:

Ribeiro, R.; Sousa, V. & Khan, S. (2017). Nota Introdutória. In R. Ribeiro, V. de Sousa & S. Khan (Eds.), *A Europa no mundo e o mundo na Europa: crise e identidade. Livro de atas* (pp. 5-8). Braga: CECS.